



RAPÉ

O SOPRO ANCESTRAL DA CURA



Sandarai
INSTITUTO XAMÂNICO E TERAPÊUTICO



RAPÉ — O SOPRO ANCESTRAL DA CURA

Uma Iniciação a Medicina Sagrada



Sandarai
INSTITUTO XAMÂNICO E TERAPÊUTICO

SUMÁRIO

O que é rapé.....	4
O tabaco sob o ponto de vista espiritual.....	4
As plantas sob o ponto de vista espiritual.....	5
História sobre o rapé.....	7
O rapé indígena.....	9
Instrumentos para uso do rapé indígena.....	10
Do que é feito.....	11
Feitio do rapé.....	12
Os Poderes do Rapé	13
Rituais com o rapé.....	15
O uso ritualístico do Rapé.....	16
Procedimento para aplicação do rapé.....	17
Procedimento para receber o rapé.....	17
Para que é utilizado o Rapé.....	18
Relações espirituais com o rapé.....	19
Como é o efeito do Rapé.....	20
Os sopros aplicados em rituais com o rapé.....	21
Recomendações para quem faz o uso do Rapé.....	22
Conclusão.....	25
Somente a quem desejar.....	26



INTRODUÇÃO

Este e-book compila um amplo conhecimento sobre o uso terapêutico e espiritual do rapé. As informações aqui apresentadas têm origem em várias fontes, incluindo a internet, livros e nossas próprias experiências.

Reconhecemos a importância de esclarecer, guiar e conscientizar todos aqueles que fazem uso dessa poderosa ferramenta de cura, a fim de evitar sua banalização ou uso inadequado.

O rapé desempenha um papel singular no contexto do Xamanismo. Este e-book busca explorar tanto a aplicação quanto o significado do rapé, contribuindo para desvendar sua função e oferecer algumas considerações iniciais sobre as práticas dessa medicina, assim como sobre a relação dos povos indígenas com os diversos seres que habitam os universos. O objetivo é conhecer essa medicina extraordinária; os dados apresentados reforçam a conexão inevitável entre o rapé e o Xamanismo, auxiliando-nos a apreciar o valor desse grande remédio.

O rapé representa uma medicina sagrada da floresta, uma composição de ervas de poder e tabaco de acordo com a tradição indígena.

Essa cerimônia ritualística utiliza o espírito da floresta e o espírito do Senhor Tabaco para expandir a consciência, estabelecer conexões com o mundo espiritual e outras dimensões, além de criar vínculos com os Devas da Floresta e a ancestralidade.

Carregando consigo a essência do silêncio, da introspecção e da cura interior, o rapé é uma medicina a ser apreciada com consciência. Seu uso deve ser alinhado a um propósito espiritual, pois sob essa perspectiva, o rapé pode ampliar consideravelmente a consciência e a sensibilidade mediúnica.

Nas culturas indígenas, o rapé é considerado uma Medicina Sagrada, um espírito poderoso da floresta que demanda ser tratado com reverência.

O rapé Xamânico é tido como sagrado por ser uma medicina proveniente da floresta, uma ferramenta de cura extremamente poderosa quando aplicada com respeito e dentro dos preceitos indígenas. Sua função é restabelecer o equilíbrio energético daqueles que o consomem.

Utilizado tradicionalmente por séculos pelas tribos indígenas da América do Sul em rituais religiosos e espirituais, o rapé serve como uma ponte para a comunicação com os espíritos. Durante esses rituais, o Xamã ou pajé, em conjunto com o enfermo, inala uma quantidade de rapé para adentrarem a um estado alterado de consciência, propiciando experiências de cura. Esta prática remonta a pelo menos 3000 anos e é administrada através de aplicadores em forma de tubos, geralmente confeccionados de bambu, permitindo a inalação das plantas pelas narinas.



O que é rapé

Na realidade, o rapé é uma composição de diversos compostos vegetais, como ervas, raízes, sementes e cascas, combinados em proporções variadas. Sua principal finalidade é auxiliar na restauração da saúde das vias respiratórias e olfativas, buscando aliviar ou restabelecer o equilíbrio e o bem-estar nessas funções orgânicas cruciais, as quais têm um impacto significativo na saúde física, mental e emocional.

Essa substância é um pó geralmente feito de tabaco, misturado com outras ervas, cinzas de árvores, sementes, frutos ou folhas, todos moídos e transformados em um pó fino e aromático que é soprado pelas narinas. Seu uso remonta a eras ancestrais e teve presença marcante em diferentes lugares e épocas. No entanto, seu aspecto mais relevante é o uso entre as tribos indígenas e os habitantes da floresta, que o empregam para propósitos medicinais e rituais.

A palavra “rapé” deriva do francês “râper”, que significa “raspar”. Em sua essência, trata-se de tabaco triturado, raspado ou pulverizado, inalado ou aspirado pelas narinas. Até o início do século XX, o uso de rapé era comum no Brasil, vendido em caixas semelhantes às de fósforo ou estojos. Nesse contexto, seu uso não estava associado a rituais espirituais. No entanto, o rapé composto exclusivamente de tabaco está vinculado ao tabagismo e pode resultar em dependência e problemas de saúde decorrentes do uso excessivo. Em contraste, o rapé utilizado para propósitos espirituais é uma mistura de plantas diferente, empregada por povos indígenas no norte do Brasil.

O tabaco sob o ponto de vista espiritual

O tabaco é percebido de forma espiritual, seja no contexto xamânico ou ritualístico, como uma planta de poder, reverenciada e reservada exclusivamente para propósitos espirituais e/ou religiosos.

Em muitas tradições nativas, ele é considerado uma planta mestra, representando uma figura paterna ou ancestral que abriga toda a sabedoria ancestral da floresta. O tabaco é a planta primordial de poder, deixada na Terra para orientar os buscadores de visão. É o Espírito-Guia do rapé,





responsável por trazer imagens que representam a centralidade e o equilíbrio energético.

O tabaco pode ser utilizado dentro da perspectiva dos quatro elementos. O tabaco do fogo é aquele queimado em cachimbos ou instrumentos similares, apenas aspirado sem ser tragado, frequentemente usado para rezar. Acredita-se que a fumaça liberada carrega as preces até o Grande Espírito (Deus). Entretanto, foi na civilização ocidental que o tabaco adquiriu outra dimensão, tornando-se associado à dependência e a doenças como o câncer. Nas tradições que incorporam o tabaco de maneira ritualística, é considerado desrespeitoso tragar o tabaco, pois isso violaria o espírito ancestral dessa planta sagrada.

O tabaco d'água é preparado por meio de sua infusão em água durante alguns dias, inalado através das vias nasal ou oral, conforme o ritual. Já o tabaco da terra refere-se ao tabaco seco mastigado e depois cuspidor, em um ritual conhecido como "mascada". Por fim, o tabaco do ar é o rapé, usado ritualisticamente ao ser aspirado pelas narinas.

O tabaco continua sendo amplamente utilizado como oferenda, seja para a terra ou o fogo, considerado uma forma de expressar gratidão ou prece.

Quando utilizado espiritualmente, o tabaco promove purificação, centramento e transformação de energias negativas em positivas, funcionando como um mensageiro espiritual.

As plantas sob o ponto de vista espiritual

Há milênios, o fascínio pelo poder das plantas encanta curandeiros, xamãs, ervateiros e guias espirituais. Essas ervas não apenas nos auxiliam em males físicos, mentais, emocionais e espirituais, mas também oferecem essenciais aromas.

No Xamanismo, as plantas são consideradas nossas "ajudantes ou auxiliares de cura", enquanto os animais são nossos "aliados-guia". Cada planta carrega sua própria força, energia, medicina e potencial de cura, nutrindo tanto o corpo quanto o espírito. Para os nativos, todo ser vivo possui um espírito-alma, uma contraparte etérea e espiritual, e cada espírito contém sua própria medicina, sabedoria e poder divino.

Desde os primórdios, a Natureza tem sido a narradora da história de Deus, ensinando aos humanos sobre sua origem e como viver em equilíbrio





e harmonia - e até hoje continua a nos falar. Sua existência no planeta antecedeu a da humanidade. Quando a raça humana surgiu, a Natureza já oferecia seus banquetes e riquezas naturais, esperando que a honrássemos, a amássemos e a preservássemos conscientemente. Ela, a Mãe-Natureza, nos transmite conhecimentos ancestrais, reconectando-nos à nossa essência mais profunda, que é estar em Deus, pois tudo emana do Grande Criador. Todos os seres são nossos parentes e irmãos, não distantes, mas sim próximos de sua natureza divina, sendo grandes aliados da humanidade para caminhar em beleza, paz, equilíbrio e saúde na Terra.

A relação entre as plantas, suas qualidades e virtudes medicinais é evidente, determinando e classificando suas propriedades curativas.

As plantas desempenham um papel fundamental como propiciadoras e purificadoras dos elementos sagrados. Sua energia, uso e papel fascinante em nossas vidas são inegáveis.

Folhas e ervas constituem a base de praticamente tudo que nos cerca. São o sangue vegetal que purifica e consagra. Seu uso é vasto, especialmente em rituais para homenagens, invocações e, sobretudo, cura. Nada acontece sem o envolvimento das folhas.

Um dos grandes mistérios em diversas práticas da Medicina Xamânica pelo mundo reside na utilização de plantas, raízes e sementes das mais variadas ervas. São empregadas em defumações, banhos purificadores e em muitos outros rituais.

A diversidade e o uso multifacetado das plantas na Medicina da Floresta são essenciais nos rituais terapêuticos que visam a cura e o equilíbrio do corpo e do espírito, representando uma riqueza ritualística incomparável.

Essas plantas possuem uma quantidade significativa de energia vital, e a combinação infinita de elementos vegetais pode gerar efeitos positivos ou negativos, assim como qualquer forma de energia no universo.

Elas têm o poder de agir em nossa aura e campo energético, conhecimento muito dominado por indígenas e outros povos ancestrais, que as utilizavam em variados propósitos. A medicina do rapé, por exemplo, se baseia nesse conhecimento para conduzir seus rituais, curas e fortalecimentos. As plantas, representadas por diversas ervas, folhas, cascas e raízes, são indispensáveis para a sagrada medicina e para o ser humano, provindas dos quatro elementos planetários: ar, terra, água e fogo.

De maneira geral, elas são consideradas portais para outras regiões do cosmos e seus habitantes, através dos quais especialistas obtêm novos conhecimentos, dialogam, trazem cânticos, notícias e presságios. Essas plantas são ingredientes essenciais nessa interação entre humanos e não humanos, atuando como mediadoras em interações intersubjetivas especiais.





História sobre o rapé

O rapé, uma criação ancestral dos povos ameríndios, é uma manifestação de sabedoria popular de múltiplas facetas, uma arte praticamente inesgotável. Nos rituais dos povos indígenas da Amazônia, o rapé desempenha um papel essencial na medicina tradicional dos pajés, sendo considerado uma cura sagrada, uma mistura de tabaco moído com cinzas de plantas medicinais. Conhecido como tabaco espiritual, é chamado de “dume yuxibu”.

Johannes Willbert, da Universidade da Califórnia em Los Angeles, aborda a ampla utilização do rapé entre os povos ameríndios. Esses pós são esporadicamente encontrados em diferentes regiões da América Central e do Norte, mas têm uma presença marcante especialmente na América do Sul e nas Índias Ocidentais. Desde os dias da observação de Pané (1974) sobre o rapé de chohobba (cohoba) entre os Taínos das Antilhas Menores, os pós têm sido preparados pelos indígenas do continente meridional a partir das vagens de *Anadenanthera*, utilizando-se de uma variedade de resinas e diferentes tipos de nicotianas. A base botânica de vários rapés menos conhecidos do Novo Mundo ainda não é completamente compreendida (Schultes 1977/1978), mas a absorção nasal é uma prática amplamente difundida na América do Sul, tendo-se espalhado para o Velho Mundo junto com o tabaco na era pós-colombiana (Schultes 1967).

Steere (1949/1901) foi um dos primeiros a documentar o uso do rapé entre os índios Paumari. Segundo ele, as folhas verdes torradas e pulverizadas do tabaco eram misturadas com a cinza da casca da fruta do cacaueiro, um método similar ao adotado pelos Jamamadi.

Fontes etnográficas registram o tabaco como uma fonte comum de rapé entre os indígenas da América do Sul. No subcontinente, cinco regiões se destacam como centros de distribuição: o Orinoco médio e superior, o noroeste do Amazonas, a região entre a Montanha e o Rio Purus, o Guaporé e a área Andina. Outros casos periféricos são encontrados principalmente ao norte e noroeste, em relação a essa zona de distribuição.

Na região do Médio Purus, oito grupos indígenas - Apurinã, Paumari, Deni, Jamamadi, Jarawara, Suruwaha, Banawa e Hi-Merimã - habitam as margens do rio e seus afluentes, com os Katukina e os Mamori, embora em número reduzido, desempenhando papéis históricos nesse contexto.

O rapé é essencialmente um pó derivado da trituração de folhas secas de tabaco (*Nicotiana tabacum* L.). No entanto, a maioria dos grupos na região do Médio Purus mescla outras plantas a essa composição.

Um exemplo histórico na América do Sul é o inalador de osso de pássaro encontrado por Junius Bird, juntamente com uma caixa de rapé de osso de baleia, no sítio pré-agrícola de Huaca Prieta, na costa do Peru, datado de até 1600 a.C. Esses instrumentos eram presumivelmente utilizados para a willka





(*Anadenanthera colubrina*), não para tabaco em pó. O uso de tubos de mais de um metro de comprimento exigia duas pessoas; uma soprava com força o pó nas narinas do outro. Esta prática foi documentada entre os Yanomami da Venezuela, que utilizam um pó preparado não com tabaco, mas com a cortiça interior da árvore *Virola*. Alguns desses longos inaladores possuem extremidades receptivas com peças nasais cônicas, lisas ou esculpidas. Os tubos duplos de absorção nasal medem cerca de vinte centímetros de comprimento e, geralmente, têm uma extremidade próxima à narina com uma peça nasal feita de uma noz redonda perfurada ou um anel de cera bulboso para facilitar a aplicação.

O rapé é uma tradição cultural e espiritual dos povos Katukina, Yawanawá e de outras tribos da região amazônica. É usado como uma espécie de consagração após o trabalho, para relaxamento, alívio emocional e para acalmar a mente. Pode ser administrado a qualquer momento e alivia o cansaço físico, mental e espiritual, estimulando novos pensamentos e ideias. Sua preparação é cuidadosa, utilizando tabaco e cinzas de árvores, incluindo o Tsunu.

A prática de tomar rapé encontrou aceitação global, com variações ao longo dos séculos, às vezes aumentando ou diminuindo conforme a época.

No passado, o rapé era reservado exclusivamente ao pajé da tribo, utilizado para sua “conexão” com a natureza. Essa prática visava identificar possíveis males que pudessem afetar sua comunidade, além de ser empregado em rituais de cura para propósitos de proteção espiritual e diagnóstico de doenças, trazendo consigo o poder espiritual dessa medicina para a cura.

A relação entre o rapé e a ayahuasca é profunda, e a combinação dessas energias resulta em uma maior luminosidade, cura e alinhamento espiritual.

Entre os Apurinã, o uso do rapé era restrito a práticas xamânicas de cura no passado. No entanto, a partir dos anos 1980, conforme relatos de alguns indígenas da região, houve uma disseminação significativa promovida por indigenistas do CIMI e da FUNAI, que solicitavam o produto aos xamãs. Essa popularização levou o rapé para fora de seu contexto específico, alterando até mesmo sua forma de fabricação. Atualmente, o rapé dos Apurinã é produzido com tabaco e outros ingredientes, como o breu de Jatobá (*Hymenaea courbaril* L.) e a Amescla (*Protium heptaphyllum*). Esses novos elementos conferem aroma e propriedades medicinais ao produto, sendo utilizado para tratar gripes, constipações e dores de cabeça.





O rapé indígena

Antigamente, o rapé era exclusivamente utilizado pelo pajé da tribo, permitindo-lhe uma “conexão” com a natureza, identificando ameaças potenciais à sua comunidade e empregado em rituais de cura para proteção espiritual e diagnóstico de doenças, canalizando o poder espiritual dessa medicina para cura. Hoje em dia, o uso ritualístico do rapé se difundiu não apenas entre as tribos, mas também por todo o Brasil, por meio de associações religiosas, grupos espirituais, terapeutas xamânicos e outros.

Há uma associação marcante do uso do rapé com o ritual da Ayahuasca (Hoasca, Uni, Nixi Pae, Santo Daime). As etnias Huni Kuin e Yawanawa tradicionalmente empregam o rapé em cerimônias com a Ayahuasca. Essas etnias têm difundido suas tradições não apenas no Brasil, mas também globalmente. Dessa maneira, vários grupos religiosos que utilizam a Ayahuasca em seus rituais, incluindo o Santo Daime, têm introduzido o rapé em suas cerimônias. A ligação entre o rapé e a Ayahuasca gera uma energia potente, promovendo maior clareza, cura e alinhamento espiritual.

No norte do Brasil, povos indígenas têm utilizado o rapé por séculos, antes mesmo da chegada dos colonizadores europeus. Para etnias como a Huni Kuin - Kaxinawá e Yawanawá, o rapé é considerado uma “medicina” associada a usos terapêuticos e espirituais. O tabaco usado na produção do rapé é cultivado organicamente pelo próprio povo e frequentemente é alvo de rituais em todas as etapas, desde o plantio até o preparo. O tabaco mais comum é do tipo “mói”, preparado em forma de corda. O rapé elaborado a partir desse tabaco triturado é combinado com cinzas de árvores como pau pereira, cumaru, canela e canela de velho, entre outras.

Para esses povos, o rapé é considerado uma medicina com um espírito poderoso, capaz de curar, proteger e afastar diversos males. Um ponto notável é que o rapé não é inalado, mas sim soprado nas vias nasais por meio de um tipo de canudo chamado “tipi”. Também pode ser autoaplicado usando um instrumento chamado “curipe”.



Instrumentos para uso do rapé indígena



Existem dois tipos de instrumentos para a prática do rapé.

Os inaladores duplos são usados para absorver o rapé da palma da mão do usuário. Estes tubos bifurcados possuem uma forma de Y e são relativamente curtos, permitindo a autoadministração do pó em ambas as narinas simultaneamente.

Já o tubo de inalação angular possui formato de V. Os de tamanho mais curto são destinados à autoadministração, enquanto os mais longos, de aproximadamente 20 a 30 centímetros, são usados para administração mútua entre duas pessoas.

O rapé é colocado na extremidade nasal do inalador angular e é soprado da extremidade bucal com um sopro direto para dentro das narinas do receptor.

Esses instrumentos do rapé têm um caráter sagrado, por isso, é importante não permitir que pessoas desconhecidas os manuseiem. O tipí é o instrumento principal utilizado para aplicar o rapé em outra pessoa.

Existe também um instrumento mais curto chamado curipe, que cabe no espaço entre a boca e o nariz, sendo um instrumento pessoal utilizado individualmente.





Detalhe do Tipi à esquerda e curipe à direita



Passar rapé ou tomar rapé são termos usados para utilizar essa medicina. Os Huni Kuin empregam a expressão “passar rapé” quando desejam usar essa medicina. Essa prática envolve assoprar o rapé nas narinas da pessoa interessada e é essencial que seja soprado em ambas as narinas, pois eles acreditam que isso equilibra a energia da natureza. Segundo eles, se for assoprado em apenas uma narina, ocorrerá um desequilíbrio com a floresta. Isso pode ser realizado de duas maneiras: individualmente ou em dupla.

A forma individual é quando a própria pessoa assopra o rapé em suas narinas usando o “curipe”, um instrumento pequeno em formato de V feito de bambu, taboca ou osso. Em um lado, a pessoa coloca sua boca, enquanto no outro lado, encaixa-se em uma das narinas.

Na prática em dupla, é utilizado o “tipi”, também em formato de V ou U, feito de taboca, bambu ou ossos. Nesse caso, uma pessoa assopra o rapé na narina da outra.

Do que é feito

O rapé é um pó elaborado a partir de combinações de plantas juntamente com o tabaco. Os pajés possuem conhecimento específico sobre quais partes de cada planta devem ser usadas, pois cada uma tem sua finalidade. Portanto, aquele que prepara o rapé precisa ter um certo conhecimento da floresta, pois as combinações podem variar significativamente, resultando em rapés de diferentes intensidades, mais fortes ou mais suaves. Embora o





rapé geralmente contenha tabaco, há também variedades sem essa planta.

O tabaco utilizado é cultivado nas aldeias e, após a colheita e o curtimento das folhas, é enrolado na borracha. Esse tabaco é posteriormente picado e levado ao fogo para secar. Após esse processo, é moído e peneirado várias vezes até se transformar em pó.

As outras plantas utilizadas podem variar, incluindo pxuri, murici, cacau do mato, canela de veio, entre muitas outras, e cada uma possui suas propriedades medicinais específicas. Podem-se utilizar as folhas, as cascas e até mesmo as cinzas dessas plantas na composição do rapé.

Feitio do rapé

A produção do rapé é simples, mas carrega consigo um caráter ritualístico. Trata-se de um pó feito da combinação de plantas e tabaco.

Inicialmente, são necessários tabaco seco e cinzas de plantas, raízes ou sementes. O processo central desse ritual é o pilamento do tabaco. A pessoa encarregada desse processo deve estar concentrada, em silêncio, pois acredita-se que grande parte da potência do rapé vem da intenção de quem o pila. Esse processo pode ser cerimonial, com cânticos e orações. O tabaco pilado é então peneirado, dando origem à alquimia: a mistura da cinza com o tabaco. A proporção é variável, definida de maneira bastante intuitiva.

O fabricante do rapé assemelha-se ao fitoterapeuta, pois precisa saber qual parte de cada planta será utilizada, já que cada uma tem sua finalidade específica. Portanto, quem prepara o rapé deve possuir certo conhecimento da floresta, pois as combinações podem variar bastante, resultando em rapés de diferentes intensidades, mais fortes ou mais suaves.

O tabaco utilizado é cultivado nas aldeias e, após a colheita e o processo de curtimento das folhas, é enrolado na borracha. Em seguida, é picado e levado ao fogo para secar. Depois desse processo, é moído e peneirado diversas vezes até se transformar em pó. As outras plantas utilizadas podem variar entre murici, cacau do mato, canela de veio e muitas outras, sendo que cada uma delas possui suas propriedades medicinais específicas. Podem-se usar as folhas, as cascas e até mesmo as cinzas dessas plantas na composição do rapé.

Na elaboração do rapé, as folhas da planta são submetidas à secagem, seja ao vento, ao sol ou sobre um fogo ou brasa, muitas vezes utilizando uma vasilha virada sobre brasas ardentes. Após o processo de secagem, as folhas secas são trituradas, pulverizadas e, em algumas ocasiões, peneiradas. Por vezes, cascas de cocos ou panelas são usadas como pilões.





O rapé de tabaco é habitualmente armazenado em recipientes feitos de bambu, cabaças ou até mesmo conchas de moluscos. Os pós psicotrópicos, incluindo o rapé de tabaco, podem ser aspirados diretamente da palma da mão ou de uma folha. Contudo, é mais comum ingeri-los através de tubos de absorção nasal, sejam simples ou duplos, ramificados ou angulares, confeccionados de caniço ou ossos perfurados. Os tubos de absorção nasal, geralmente curtos, são utilizados como inaladores de autoconsumo.

As folhas de tabaco, colhidas na roça nova, são cuidadosamente selecionadas e desidratadas com calor suave para evitar que fiquem quebradiças, guardando-as em cestos. Para a confecção do rapé, é necessário tostá-las sobre brasas, momento em que são transferidas para um pilão e trituradas. Em paralelo, a casca das plantas é queimada em uma pequena vasilha de barro sobre fogo brando, produzindo cinzas que são adicionadas ao pó do tabaco. Em seguida, mistura-se e soca-se os dois ingredientes juntos.

Os Poderes do Rapé

O rapé é um produto comum entre os diversos grupos da floresta, sendo utilizado de diversas maneiras, desde tratamentos para gripe, dores de cabeça e insônia até como um “calmante” antes do banho para relaxar ou mesmo em momentos de convívio entre amigos.

Entre os Apurinã, o rapé é empregado de forma generalizada, embora tenha sido antes um recurso exclusivo do xamanismo, assim como ocorre entre os Paumari, onde o rapé permanece como um elemento próprio dos xamãs.

Os Suruwahá também fazem uso cotidiano do rapé. Ele estimula as pessoas a manterem-se ativas e bem-dispostas, combatendo a indolência e a passividade, oferecendo vigor e resistência durante caçadas, pescarias, na abertura de roças, no transporte de mandioca e outros produtos agrícolas, além de ser usado em momentos de intensa atividade física e até em situações de mal-estar e dor. Ao entardecer, formam-se frequentemente rodas para consumir rapé, momento em que os Suruwahá conversam sobre as atividades do dia, discutem temas importantes ou compartilham antigas histórias. Para eles, o rapé é um instrumento de transferência de poderes, conferindo ao xamã controle sobre doenças, feitiços e até mesmo a morte: “o tabaco, soprado repetidamente e com intensidade pelos xamãs aos aprendizes, é o principal método de transmissão de poder”.

Entre os Apurinã, o rapé possui uma propriedade crucial para atividades extraordinárias e é empregado em práticas xamânicas. O mito do herói Tsurá, engolido pela cobra grande e salvo pelo “vovô arirambinha”, que, apesar de pequeno, toma rapé e fura duas vezes a barriga da serpente, ilustra essa ideia.





O ápice da iniciação xamânica entre os Apurinã é o encontro do jovem com a onça grande na floresta. O aprendiz precisa dominar o medo e permitir que a onça o lamba. Ao final, ela se transforma em uma pessoa e o convida para tomar rapé, ensinando-lhe os grandes mistérios da pajelança.

O rapé também funciona como intermediário na comunicação e viagem do xamã a outros planos cósmicos. Essa propriedade faz do rapé a “medicina do xamã”, por meio da qual ele se conecta com espíritos durante sessões de cura.

Os Tukrina (Kulina) fazem uma distinção entre dois tipos de doenças: aquelas comuns e as de origem sobrenatural, que só podem ser curadas pelos xamãs dotados de poderes mágicos, capazes de incorporar almas de pessoas e animais. No tratamento dessas doenças, o elemento central é o rapé, sem o qual o médico-feiticeiro não possui poder algum.

A inalação do tabaco facilita a interação dos xamãs com os espíritos, permitindo que eles assumam a perspectiva desses seres. O rapé é utilizado principalmente como um mecanismo de proteção.

O tabaco é considerado a planta dos xamãs, sendo o meio que facilita a comunicação entre os seres humanos e possibilita o acesso às perspectivas do universo dos espíritos, permitindo a transição para outras paisagens cósmicas.

O rapé é um produto tradicionalmente utilizado principalmente para estabelecer a comunicação com os espíritos (de animais, peixes, pássaros, plantas), convidando-os a participar das cerimônias. Exemplos disso são a “festa da pupunha” (kavirihava), a “festa do peixe-boi” (bomahava) e a “festa da menina moça” (amamaji) - conhecida como “saída da menina”, durante a reclusão na puberdade. Nessas ocasiões, o rapé é preparado e usado pelo próprio xamã.

Algumas plantas possuem uma segunda forma ou espírito, a “forma jaguar”, que participa dos rituais na aldeia. Nessas cerimônias, elas podem abandonar sua aparência normal e serem vistas em sua forma humana pelos xamãs. Dentro desse contexto, as plantas utilizadas no rapé possuem essa “forma jaguar”, conferindo poder e a capacidade de lidar com uma variedade de criaturas do cosmos.

O rapé é frequentemente considerado um agente transformador de comportamentos e relações entre indivíduos, convertendo raiva em calma, conflito em harmonia e até inimigos em amigos. Entre os Apurinã, as festividades, geralmente conhecidas como Xingané, muitas vezes começam com uma encenação de guerra quando um grupo de fora visita a aldeia, colocando os participantes em papéis de inimizade. No entanto, essa simulação é encerrada com a troca de rapé, simbolizando a consolidação de uma aliança.

O rapé é empregado como uma ferramenta para resolver conflitos, restaurando a convivência pacífica. É uma prática comum assoprar doses generosas de rapé nas narinas de alguém furioso, o que tende a ter um efeito calmante na pessoa. Entre os povos ameríndios da Amazônia, há a crença





de que, no início dos tempos, todos eram humanos e, gradualmente, alguns se transformaram em diferentes espécies de animais e plantas. Quando uma pessoa tomada pela raiva está prestes a abandonar seu comportamento humano, o rapé, com sua capacidade tranquilizadora, parece intervir para evitar essa transformação.

Assim, o rapé atua como um agente inverso, impedindo que a pessoa assuma a “perspectiva do outro”, ou seja, a transformação em algo não humano. Além disso, em momentos de raiva intensa em que a pessoa pode prejudicar a si mesma, o rapé atua como um antídoto, neutralizando essa tendência.

Além de suas propriedades calmantes, o rapé é utilizado para resfriar o corpo, especialmente após longos períodos de trabalho sob o sol. Previne resfriados ao ser cheirado antes de um banho de água fria nas cacimbas. Além disso, o rapé é usado durante a caça e para dissipar a “panema” (preguiça). Durante a cerimônia do Uni (ayahuasca), a combinação das duas energias amplifica a experiência, trazendo maior clareza, perfeição e profundidade.

Rituais com o rapé

O rapé, utilizado em cerimônias como a “Roda de Cura” ou “Roda da Medicina”, é um ritual terapêutico que envolve a aplicação desse preparado. Essa cerimônia engloba diversos rituais, como defumações, preces, cânticos e a administração do rapé (expressa-se como “tomar rapé”).

Antes de tudo, o rapé demanda uma cerimônia de abertura, honrando a Fonte da Vida, a Mãe Terra Divina, os Devas (espíritos da Floresta) e o Ancestral do Espírito do Tabaco. É fundamental não “tomar rapé” sem a presença do tabaco, que é o Espírito ancestral da Floresta.

Para os iniciantes, o rapé pode causar forte impressão ou gerar experiências intensas, e por isso é responsabilidade do condutor do ritual explicar e oferecer um ambiente seguro para que a pessoa se entregue ao processo. Geralmente, para os novatos, são administradas doses menores e sopros mais moderados. Já para aqueles mais experientes com essa medicina, a aplicação varia conforme as necessidades e objetivos individuais.

O rapé é essencialmente uma conexão. É um poderoso agente de mudança de consciência. Destaco isso, pois espiritualmente, o rapé tem o poder de abrir inúmeros portais e permitir que a pessoa acesse diferentes dimensões. Por esse motivo, estar em um ambiente seguro e apropriado é crucial para essa experiência. Os cânticos desempenham um papel significativo, como nas cerimônias com ayahuasca, guiando a pessoa em um caminho de cura



e iluminação.

O uso do rapé é algo sério! Ele deve estar sempre alinhado a um propósito espiritual. É necessário estar concentrado, em prece, buscando firmeza e, ao mesmo tempo, se entregando para receber a cura ou orientação espiritual.

Os instrumentos do rapé são sagrados, portanto, é fundamental não permitir que pessoas desconhecidas os manuseiem.



O uso ritualístico do Rapé

Dentro das tradições indígenas e xamânicas, não se “aspira” o rapé. Ele é sempre “soprado” por outra pessoa ou pela própria pessoa que vai tomá-lo. Sopra-se dentro das narinas usando um instrumento como um tubo oco, chamado Tipi, aplicado por um pajé ou por outro indivíduo. Seu efeito é rápido e traz uma sensação de bem-estar imediata, além de limpar as vias aéreas.

Aquele que aplica o rapé deve possuir conhecimento, pois a forma como ele manuseia o pó com o tipi, a maneira de soprar e os pensamentos durante esse ato podem influenciar positiva ou negativamente o trabalho. Em outras palavras, o mesmo rapé aplicado por duas pessoas diferentes certamente não será o mesmo, e conseqüentemente, o efeito também variará. Há também a possibilidade de autoaplicação usando um instrumento específico.

Após a aplicação na primeira narina, aguarda-se para que seja aplicado na segunda antes de limpar o nariz. Receber o sopro em ambas as narinas é essencial para o equilíbrio dos nossos meridianos como um todo. A aplicação completa é importante para direcionar uma intenção de limpeza e cura no primeiro sopro, seguida por uma intenção de equilíbrio e conexão no segundo.





Procedimento para aplicação do rapé

O rapé deve ser soprado em ambas as cavidades nasais durante um ritual. Cada uma das narinas representa um meridiano do corpo: o lado direito está associado ao masculino (racional) e o lado esquerdo ao feminino (intuitivo).

Quando alguém recebe um sopro pela primeira vez, é importante estar ciente disso. Algumas pessoas que hesitam em receber o segundo sopro (por medo) acabam passando por um processo tão ou mais intenso do que o habitual. Isso ocorre porque a pessoa não se entrega ao processo de cura e/ou rejeita a medicina, que é essencialmente rejeitar o espírito do rapé.

Ao soprar pelo lado esquerdo, expurgamos doenças, impurezas, maus pensamentos e más energias. Já ao soprar pelo lado direito, recebemos a cura, limpeza e elevação.

Em um ritual com rapé, é ideal soprar sempre da esquerda para a direita. Começa-se com a narina esquerda, que representa o feminino e trabalha o espiritual e o emocional, seguido pela narina direita, representando o masculino e trabalhando o material e o físico.

É essencial soprar em ambas as narinas para que a energia dos deus da Floresta possa fazer a sua medicina.

O rapé é uma medicina que atua nos níveis físico, mental e espiritual.

Procedimento para receber o rapé

O rapé não é inalado, mas soprado nas vias nasais por meio do tipi ou auto aplicado com o curipe.

Após a aplicação do rapé em ambas as narinas, é recomendável que a pessoa permaneça sentada em meditação. Ao término, expressar gratidão à Divina Mãe, aos deus do rapé e à Natureza é importante.



É aconselhável aplicá-lo de manhã, ao final da tarde (após o trabalho) e à noite antes de dormir, para promover bons sonhos e uma noite tranquila.

Não é recomendável emprestar os instrumentos de aplicação, especialmente o curipe, exceto para uma pessoa de total confiança com quem você troca rapé, e mesmo assim, o tipi é mais apropriado, onde cada um aplica no outro. O curipe é um instrumento pessoal e individual para cada pessoa.

É prudente tomar rapé somente de pessoas conhecidas e confiáveis. Evite receber ou auto aplicar rapé de procedência desconhecida.

Desfrute com consciência e sempre lembre-se de que o rapé é uma medicina de pajé (cura) e, portanto, deve ser utilizada com respeito.



Para que é utilizado o Rapé

O rapé tem uma ampla gama de usos. É eficaz para lidar com aflições físicas, como dor de cabeça, sinusite, congestão nasal e até panemas, que são aflições espirituais. Também é muito útil no tratamento imediato de constipação. O rapé alivia rapidamente dores, desperta o corpo quando está sonolento e preguiçoso, proporciona relaxamento e uma sensação de frescor, além de reduzir a pressão.

Ao usar rapé, é essencial lembrar que você está recebendo as plantas e os espíritos de cura da floresta. Respeitar o rapé significa respeitar todas as energias da floresta que ele carrega consigo.

Sua aplicação é comum nos rituais de Nixi Pae (ayahuasca), onde ao “passar rapé”, a força do Nixi Pae se intensifica, conectando ainda mais o espírito com a floresta.

Além disso, o rapé é altamente eficaz para questões do sistema respiratório e digestivo, aumentando a imunidade contra resfriados e outras disfunções respiratórias, como sinusite, rinite e constipação (com efeito imediato).

Energeticamente, o rapé impacta diretamente o plexo solar (a região do estômago, também associada a medos e ansiedade), muitas vezes desencadeando arroto ou até mesmo vômitos, liberando energias densas dessa área.

O rapé atua no equilíbrio e energização de todos os chakras do corpo.





Seu uso é um grande aliado, não apenas devido aos seus princípios fitoterápicos e cromoterápicos, mas por sua eficácia em tratar problemas respiratórios e muitos outros. Ele se destaca no combate à sinusite, rinite e como expectorante pulmonar para secreções e catarros. Além disso, apresenta uma série de benefícios, como tratamento para inflamação de garganta, resfriados, gripes, congestão nasal, rinite, expectoração de catarros crônicos e como agente estimulante e tonificante do organismo.

Seus efeitos abrangem também áreas como auxílio diurético, melhoria de estados depressivos, estímulo do metabolismo, regularização da digestão, desintoxicação do sistema linfático e efeitos afrodisíacos suaves. Além disso, pode ser útil em casos de dores de estômago, gases intestinais, melhorias na insônia e diminuição do mau hálito causado por problemas de sinusite e rinite.

Para aqueles que sofrem de problemas respiratórios crônicos, como os fumantes, o rapé é considerado uma opção benéfica, pois auxilia na limpeza dos pulmões, removendo placas de catarro acumuladas nos brônquios pulmonares ao longo do tempo.

Relações espirituais com o rapé

Ao usar o rapé, é comum entoar cantos de cura e pajelança, pois, de acordo com os Huni Kuin, essa prática nos coloca em contato com os espíritos da floresta.

A composição das plantas contidas no rapé determina suas propriedades curativas, de concentração, caça ou outras crenças. Assim, além da cura física, o rapé nos conecta aos encantos da floresta, infundindo-nos poder e força.

Sob a ótica espiritual, o rapé expande a consciência e a mediunidade. Pessoas com mediunidade forte vivenciam experiências intensas, recebendo orientações e curas com clareza ao utilizar o rapé.

Para os praticantes, ele é excelente para centrar, conectar-se, receber instruções espirituais e proteger corpo e espírito.

Psicologicamente, o rapé lida principalmente com medos. Uma aplicação forte pode levar a pessoa a confrontar sua própria sombra e acessar medos profundos. É eficaz no tratamento de depressão, medos obsessivos, insônia





e ansiedade, entre outros.

Para iniciantes, o rapé pode causar impressões fortes, sendo essencial que quem aplica e conduz o ritual explique e ofereça um ambiente seguro para que possam se entregar ao processo. Geralmente, para a primeira vez, são administradas doses menores e sopros mais moderados. Para os experientes, a aplicação pode variar conforme as necessidades e objetivos.

O rapé é uma ferramenta de conexão que abre portais para diferentes dimensões. Por isso, é crucial estar em um ambiente seguro e adequado. Cantos, assim como nos rituais com ayahuasca, desempenham um papel crucial na jornada de cura e iluminação.

Como é o efeito do Rapé

Cada organismo reage de forma particular ao rapé, mas geralmente segue um padrão. Nos primeiros segundos ou minutos, pode ocorrer leve tontura, uma sensação de ardência suave e frescor nas narinas. Esse princípio ativo pode causar espirros, que geralmente desaparecem em segundos. Após o uso, é comum precisar assoar o nariz para eliminar secreções e catarro.

A experiência com o rapé é intensa, gerando reações físicas, psicológicas e espirituais em pouco tempo.

Os sintomas de uma aplicação forte incluem ardência intensa no nariz, sensação de queimação nas cavidades, pressão na cabeça, tontura, aumento dos batimentos cardíacos, falta de ar, náusea, vômito e sensação de paralisia corporal. Essas reações extremas muitas vezes levam a arroto ou vômitos, eliminando energias densas da região.

Inicialmente, a aplicação pode causar desconforto no nariz, podendo desencadear um processo de limpeza com vômitos, queda na pressão arterial, suor ou salivação, variando de pessoa para pessoa. Evite engolir saliva; é importante expelir todo esse excesso para permitir essa purificação. Se o rapé alcançar a garganta, evite engolir, cuspa para eliminar o excesso.

Cada organismo responde de maneira única ao rapé, embora exista um padrão comum. Nos primeiros segundos ou minutos após a aplicação, pode-se sentir uma leve tontura e uma sensação suave de ardor e frescor nas narinas devido aos princípios ativos do produto. Espirros podem ocorrer logo após a inalação, mas geralmente desaparecem rapidamente. É comum a necessidade de assoar o nariz para remover secreções e catarro.

Respire profundamente pela boca até sentir que a respiração nasal se torna mais fácil. Concentre-se no ritmo da sua respiração, observe cada sensação e lembre-se de que tudo passa, apenas a respiração permanece. Relaxe os





ombros, mantenha uma postura correta para permitir um fluxo de energia ideal. Sinta cada parte do seu corpo, desde os dedos até cada fio de cabelo, enquanto a medicina atua, limpando, transmutando energias negativas em amor, trazendo cura, autoconhecimento e sabedoria para cada célula do seu ser.

Nos primeiros cinco minutos, é comum sentir desconforto no sistema respiratório. Pode ocorrer inchaço na cavidade nasal e faringe, causando coceira e uma série de espirros. Após esse período, pode-se experimentar alguma pressão na cabeça e náusea intensa, podendo levar ao vômito.

Posteriormente, os efeitos da expansão da consciência se manifestam lentamente. Desde ideias até viagens temporais, padrões geométricos abstratos se apresentam, criando uma experiência intensa e visionária. Essa expansão inicial da consciência não dura muito e desaparece algumas horas após o início do processo.

Os sopros aplicados em rituais com o rapé

Antes de aplicar ou receber qualquer sopro, é essencial manter um propósito firme e uma mente clara, a fim de transmitir ou receber apenas bênçãos. O sopro é uma troca de energia e, sem a firmeza necessária, corremos o risco de desperdiçar nossa energia e prejudicar o outro com nossas próprias questões. Se a mente não estiver clara, é recomendável aplicar o rapé em si mesmo para limpar os pensamentos e sintonizar-se ao momento presente, aumentando a percepção.

Quando se torna capaz de perceber a própria respiração e observar o entorno, é o momento adequado para soprar e sentir a medicina com mais profundidade. O melhor sopro não é apenas técnica, mas intuição, que pode se manifestar de várias maneiras, oferecendo o sopro mais adequado para aquele momento e para quem o recebe.

Existem vários tipos de sopros conhecidos, como o da Jibóia, da Tartaruga, do Beija-flor, da Libélula, da Onça, do Corvo e dos Sonhos. Além desses, existem outras formas, e cada pessoa pode desenvolver seu próprio método de aplicação. Idealmente, ao transmitir o rapé às narinas, é preferível direcioná-lo para o Chakra Frontal, permitindo que a medicina não se acumule nas vias nasais.

Sopro da Jibóia: Um dos mais comuns e utilizados tem forte energia de





limpeza trazendo a força da floresta. Começa suave e vai ficando forte, em um único golpe de ar, onde ao final do sopro se trava a passagem de ar com a língua no tipi, fazendo um som sibilante. Sopro bem estendido, e começa suavemente e vai aumentando a força bem aos poucos.

Sopro da Tartaruga: Comprido e lento do começo ao fim, o ar é soprado de forma lenta e constante. Os efeitos do rapé têm duração longa e ajuda a trabalhar a paciência e os traumas físicos. Sopro suave, constante e ultra estendido, bem devagarzinho. Para recebê-lo e preciso sintonizar na paciência da tartaruga, pois muitas das pessoas tiram o nariz antes do sopro terminar.

Sopro do Beija-Flor: O Beija-flor é mensageiro da cura. A cura pelo amor, pela suavidade, pela alegria e clareza. Evocado para trazer mais alegria, colorir e ensinar a liberdade de poder voar em diversas direções. É um sopro curto e suave, não tão forte ao soprar.

Sopro da Libélula: Um sopro bem colorido, de média duração, língua tremula e vogal uuu aguda.

Sopro da Onça: Desperta a força ancestral e o foco para a cerimônia. É um sopro forte, direto e curto, emite um som grave com a língua no tipi. Rápido e curto.

Sopro do Corvo: Da coragem para penetrar na escuridão, no vazio, no Grande mistério de onde nasceram todas as coisas. É um sopro repicado, em que o primeiro é curto e forte e o segundo é forte e vai diminuindo a intensidade até chegar ao vazio.

Sopro dos Sonhos: O inverso do sopro da Jibóia começa com o ar forte e vai decaindo devagar. Além de induzir bons sonhos, aumenta os efeitos das visões.

Recomendações para quem faz o uso do Rapé

I - O rapé é uma medicina sagrada – um espírito poderoso da floresta e, deve ser tratado como tal. É uma medicina muito forte que como já disse anteriormente, pode trazer o bem ou o mau, tudo depende de como é utilizado.





II - Antes de aplicar rapé, o ideal é fazer uma oração antes para que a medicina do rapé se conecte com a pessoa, para melhor eficiência medicinal. Lembre-se o rapé é sagrado e deve ser tratado como tal.

III - Ao utilizar o rapé também se pode entoar cantos de cura e de pajelança, pois o rapé nos põe em contato com os espíritos da floresta. A combinação das plantas contidas no rapé irá determinar se o rapé tem poderes de curas, de concentração, de caça ou de outras crenças. Assim o rapé pode além da cura física, colocar nosso espírito nos encantos da floresta nos trazendo poder e força.

IV - Rapé é coisa séria! O uso desta medicina deve sempre estar alinhado a um propósito espiritual. É preciso estar concentrado, em oração, procurando a firmeza, juntamente à entrega, para poder receber a cura ou a instrução espiritual.

V - Depois que terminar a aplicação do rapé, agradeça a sagrada medicina, aos animais de poder, a força da Floresta, aos Caboclos, Xamãs e Pajés.

VI - Não se toma rapé a toda hora. Para quem estuda o rapé, recomenda-se usá-lo de manhã (antes do café da manhã), final de tarde (após trabalho) e a noite, antes de dormir (para trazer bons sonhos e ter uma noite tranquila de sono). Em trabalhos cerimoniais, podem-se tomar vários sopros, de acordo com a necessidade e o propósito.

VII - Não é recomendado tomar rapé sob o sol (principalmente nos horários em que o sol está mais intenso). A força do rapé é acentuada nesta situação e, além disto, é dito que é como desafiar o espírito do Sol.

VIII - Não é recomendável usar rapé com estomago cheio.

IX - Para tomar rapé tem que ter concentração.

X - Ao tomar rapé são obrigatórias as duas narinas. Após a aplicação da primeira narina, aguarde a aplicação na segunda narina, para só



depois limpar o nariz.

XI - O recomendando é sempre aplicar o rapé primeiro na narina esquerda, e depois na direita.

XII - Deixar o máximo que puder o rapé nas narinas depois de aplicado. O ideal é assoprar o nariz depois de 10 (dez) minutos, para o efeito do rapé fazer sua medicina em você.

XIII - Quando você for aplicar o rapé o procedimento correto de preenchimento do instrumento de aplicação com o rapé, quando o mesmo estiver na mão colocar é preencher o tubo no sentido do coração (dedos para o punho). Ao fazer este procedimento você fará a Conexão com o seu Eu Sagrado.

XIV - Prevalecendo sempre pelo bom senso e rigor às leis, aos sistemas ortodoxos de cura, não recomendamos sua utilização em substituição ao método tradicional de Medicina.

XV - Ainda que seja um produto de origem natural, sabemos que podem existir reações adversas em pessoas possuidoras de maior sensibilidade que a comum.

XVI - O rapé não se propõe a ser um medicamento e nem substituto dos mesmos. A utilização de produtos naturais é de uso e responsabilidade exclusiva de quem aprecia esta forma de auxílio à saúde humana.

XVII - Deve-se evitar usar e/ou aplicar rapé em público (que não conhece tal prática). Segundo os Huni Kuin, a pessoa que está aplicando pode contrair algum tipo de doença ou mal, devido à energia gerada por quem observa. Por isso sempre que usado deve ser com respeito, pois é sagrado, e nem mesmo utilizá-lo em qualquer lugar.

XVIII - Não se deve jamais misturar rapé com álcool.





- XVIII** - É dito por ambas às etnias que aplicações muito fracas ou muito fortes não são boas nem para quem aplica nem para quem recebe. Rapé é medicina de cura; se tomar deve ser forte o suficiente para tal, mas não mais forte que o necessário (por isso a importância do estudo e experiência com o rapé).
- XIX** - Não se recomenda emprestar instrumentos de aplicação (principalmente o curipe – aplicação pessoal), a não ser para pessoas que trocam rapé com você e que você confie plenamente.
- XX** - Os usuários devem ter absoluta segurança quanto a qualidade e procedência das matérias primas que compõem o rapé. É importante destacar que existem riscos de contaminação pela inalação de misturas feitas sem critério e, principalmente, devido à falta de higiene.
- XXI** - Só tome rapé de quem você conhece e confie. Evite também receber ou se autoaplicar rapé de procedência desconhecida.

Essas são apenas algumas recomendações importantes para quem quer ter boas experiências com a medicina do rapé.

Desfrute com consciência e sempre lembrando que o rapé é uma medicina (de cura) e, portanto, deve ser utilizada com respeito.

Conclusão

A busca e utilização desses conhecimentos remontam à antiguidade, desde os primórdios da humanidade, emergindo em diversas civilizações ao redor do mundo, especialmente entre os povos autóctones, nativos e aborígenes, cujas culturas, crenças e subsistência estão profundamente conectadas à terra-Mãe. No Brasil, herdamos um vasto conhecimento ancestral indígena e xamânico, que mais tarde se entrelaçou com outros saberes, fruto da mistura cultural e racial entre europeus e africanos em nosso território.

O rapé é reconhecido como uma medicina de cura, parte integrante da



Medicina Xamânica é considerada a medicina da Floresta. Para aqueles que compreendem e utilizam essa prática, ele traz consigo saúde, sabedoria e iluminação.



Somente a quem desejar

Sugerimos o seu uso não apenas por suas propriedades terapêuticas, mas também para aqueles que buscam uma conexão com o Divino através das medicinas sagradas do Xamanismo. Ele pode amplificar vibrações positivas pessoais e do Universo, potencializando essa busca pelo despertar espiritual.



Sandarai
INSTITUTO XAMÂNICO E TERAPÊUTICO

